

# Antologia rima com poesia em *Circo de palavras* de Millôr Fernandes

Alessandra Mara Vieira\*  
Eduardo Santos de Oliveira\*\*

## RESUMO

A coleção *Para gostar de ler* publicou 47 volumes de livros com compilados de textos literários, sendo que deste número apenas oito deles foram dedicados ao texto poético. O livro *Circo de palavras: histórias, poemas e pensamentos*, com textos de Millôr Fernandes, é um deles e, apesar de o texto poético estar misturado a outros gêneros, a presença da poesia é marcante no livro e merece análise, principalmente se pensarmos que o autor ficou conhecido nacionalmente por seus desenhos e textos em prosa, como as fábulas e crônicas. A partir desses elementos, o objetivo deste artigo é analisar o modo de composição do livro, em que estão dispostos os textos em prosa e os poéticos, e também avaliar como essa forma de apresentação se relaciona com as produções millordianas.

Palavras-chave: Millôr Fernandes; poesia brasileira; antologia poética.

---

\* Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG e docente do CEFET-MG, campus Timóteo. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-3619-9535>.

\*\* Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0145-7024>.

# Anthology rhymes with poetry in “Circo de palavras” by Millôr Fernandes

## ABSTRACT

The collection *Para gostar de ler* published 47 volumes of books with compilations of literary texts, of which only eight were dedicated to poetry. The book *Circo de palavras: histórias, poemas e pensamentos*, with texts by Millôr Fernandes, is one of them, and although the poetic text is mixed with other genres, the presence of poetry is striking in the book and deserves analysis, especially if we consider that the author became nationally known for his drawings and prose texts, such as fables and chronicles. Based on these elements, the objective of this article is to analyze the composition of the book, in which prose and poetic texts are arranged, and also to evaluate how this form of presentation relates to Millôr's productions.

Keywords: Millôr Fernandes; brazilian poetry; poetic anthology.

Recebido em: 10/02/2025 / Aceito em: 18/08/2029

## 1 Para gostar de ler crônicas... e alguma poesia

A antologia é um gênero discursivo através do qual é possível depreender o modo como se escreve e se lê literatura, mas também como se dá a publicação dos textos literários em uma determinada época e em determinado espaço geográfico. Ela também pode ser um instrumento de conhecimento e reconhecimento de certo escritor e gênero literário. Além disso, a antologia pode ser um complemento didático relevante dada a constatação de que os manuais direcionados ao Ensino Básico, no Brasil, oferecem uma amostra em geral muito pequena de escritores e gêneros a serem estudados. Isso se dá um pouco pela natureza do trabalho didático sobre literatura que se produz hoje no país: uma apresentação em linha histórica da literatura e dos principais escritores que produziram em determinada estética.

Sobre a poesia especificamente, a abordagem dos livros didáticos, segundo professor Hélder Pinheiro (2007, p. 145), ainda há outro agravante: “pouquíssimas obras didáticas ostentam uma abordagem que parte inicialmente da leitura dos poemas para, depois, chegar a questões mais amplas de estilo de época, de traços de autores e de temáticas predominantes, de aspectos históricos e ideológicos presentes nos textos” (2007, p. 145). A antologia, por sua vez, pode ser uma opção para a leitura mais conectada com a matéria poética e para uma abordagem menos historicista. Ela abre possibilidade para um estudo mais prolongado e aprofundado, inclusive da poética de um escritor, um mergulho no mundo que cada autor cria com suas obras — o que seria de natureza totalmente diversa daquele em que se privilegia o enquadramento estético em detrimento da poesia e suas particularidades.

Sobre a coleção de que se trata neste trabalho, *Para gostar de ler*, sabe-se que ela nasceu de uma conversa entre o editor Jiro Takahashi e Affonso Romano de Sant’Anna sobre Rubem Braga (Fendrich, 2023). O famoso cronista brasileiro àquela época era muito utilizado em sala de aula, mas isso não se revertia em vendagem de livros, e a coleção seria uma maneira de homenagear os grandes escritores, mas fazer com que publicações específicas e pensadas com esta finalidade pudessem unir estudos pedagógicos e o mercado editorial. Com esses dois objetivos em mente, na metade dos anos 1970, nasceu o primeiro volume, com primeira tiragem de 100 mil exemplares e segunda de 150 mil (Fendrich, 2023), uma antologia de crônicas de Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Carlos Drummond de Andrade, nomes que foram mantidos do volume 1 ao 5. Até o volume 6, os livros vinham sem título específico, ostentavam apenas o nome da coleção, seguido do número do volume e do gênero, como por exemplo “Para gostar de ler – Volume 1 – Crônicas”, seguidos dos nomes dos escritores que compunham o livro. Foi somente no volume 14 que as obras passaram a vir com nome – como, por exemplo, *O nariz e outras crônicas*, de Luís Fernando Veríssimo. Não somente esse estilo de nomear os volumes, mas também a predominância do gênero crônica passou a ser marca identitária da coleção, que se estendeu até o ano de 2013, com o último volume, o de número 47.

Uma observação simples mostra que desses 47 volumes publicados pela coleção de Jiro Takahashi, somente 8 deles trouxeram texto poético, a saber: *Poesias*, de José Paulo Paes, Henriqueta Lisboa, Mário Quintana e Vinícius de Moraes; *Feira de versos*, de João Melquíades F. da Silva, Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré; *Poesia marginal*, de Ana Cristina

Cesar, Cacaso, Chacal, Francisco Alvim e Paulo Leminski; *Eu, passarinho*, de Mário Quintana; *O melhor poeta da minha rua*, de José Paulo Paes; *Poesia faz pensar*, organizado por Carlos Felipe Moisés; *Ver de novo: histórias de meio ambiente*, com textos de diversos autores de diversas nacionalidades; e *Circo de Palavras: histórias, poemas e pensamentos*, de Millôr Fernandes. Sobre estes dois últimos (*Ver de novo: histórias de meio ambiente* e *Circo de Palavras: histórias, poemas e pensamentos*), importante ressaltar que trouxeram mistura de gêneros: o primeiro reúne crônicas, contos, letras de canção e poemas; já o segundo, de Millôr Fernandes, trouxe fábulas, poemas e alguns quadros irreverentes que ele executou na revista *O Cruzeiro*. O saldo da coleção: são 47 volumes, 8 livros que contêm poesia, sendo que 2 deles contêm outros gêneros.

De certa forma, as antologias preconizam valores no modo como organizam e fazem circular a literatura. Em artigo em que analisa o penúltimo volume da coleção (*Poesia faz pensar*, 2011), Thaís Batista ressalta que antologizar “a partir de inúmeros critérios que podem ser elencados, significa também escolher determinados valores preconizados socialmente que estão presentes nas produções literárias escolhidas” (2023, p. 97). A antologia é, portanto, um tipo de agrupamento que

envolve a visão pessoal do antologista (...) expondo vínculos a certas concepções estéticas e teóricas sobre a literatura. Ou seja, há uma dialética cultural em ação: antologias transmitem gostos particulares ao mesmo tempo que são influenciadas pela cultura maior que elas ajudam a criar (Guidotti, 2010, p. 8).

Nesse sentido, se as antologias são objetos carregados de sentidos em relação ao mundo cultural que habitam, por extensão as coleções de antologias – como é o caso da *Para gostar de ler*

– também o são: veiculam ideias sobre a literatura e, nesse caso, explícita, em alguma medida, o jogo entre publicações e estudos de poesia no contexto maior dos estudos literários.

Não é apenas através de paratextos (prefácios, posfácios e notas) que o antologista se afirma enquanto crítico, mas é “também através do próprio procedimento de corte e montagem, incluindo e excluindo autores e obras. [...] certos discursos sobre a literatura se afirmam e são difundidos, reforçando visões de grupos, emitindo juízos de valor, ampliando ou preservando cânones” (Guidotti, 2010, p. 6). Em relação à coleção citada, foram 47 volumes, dezenas de autores, de estilos e estéticas e épocas diferentes, com projetos literários díspares, uma enorme diversidade nos detalhes da construção da coleção *Para gostar de ler*, e, ainda assim, a poesia aparece como uma ponta do iceberg literário.

Há ainda grande afastamento “entre os estudantes e os textos poéticos”, e isso se deve “à ideia amplamente divulgada de que poesia é um gênero difícil” (Batista, 2023, p. 98). Também os critérios inadequados de seleção de poesia para o trabalho em sala de aula podem fortalecer a noção de que a poesia e os “poetas são inalcançáveis, visão que ainda parece perdurar nas escolas” (Batista, 2023, p. 98). Esta diferença entre o número de publicações de narrativas e o de poesia, de certa forma, fortalece e realimenta o pensamento sobre a dificuldade dos estudos de poesia e a inacessibilidade a ela.

## **2 O circo de Millôr Fernandes: a poesia entre a prosa**

Partindo das possibilidades de estudos didáticos a partir de antologias, este artigo visa analisar um volume específico da

coleção Para Gostar de Ler. Trata-se do número 42, publicado em 2007, e intitulado *Circo de Palavras: histórias, poemas, pensamentos*, com textos de Millôr Fernandes. A seleção de textos era de Rafael Lima e ilustrações do próprio autor. A leitura e reflexão sobre sua construção e conteúdo pretende elucidar os critérios de escolha dos textos poéticos do volume, como estes poemas escolhidos se relacionam com a obra de Millôr Fernandes, bem como veiculam alguma noção de poesia.

Sem a pretensão de analisar todos os fatores que colaboram para a poesia aparecer minoritariamente nas coletâneas de textos literários e sem perder de vista os aspectos que se relacionam com a publicação do gênero poesia em si mesma, o intento é analisar a poesia de Millôr Fernandes, tratando dos diversos aspectos que circundam os escritos dele. Isso porque a publicação de sua poesia tem vínculo direto com a organização daquilo que produziu, aspectos que serão considerados neste trabalho.

O nosso interesse pela poesia publicada em *Circo de Palavras* se dá, portanto, por dois motivos básicos: o primeiro deles se relaciona com o que foi dito acima – a poesia ser minoritária mesmo em agrupamentos de textos que pretendem ampliar o conhecimento do leitor sobre a literatura produzida no Brasil<sup>1</sup>. A grande diferença numérica entre a publicação da prosa e da poesia, conforme ficou demonstrado anteriormente, pode ter contribuído diretamente para interferir em práticas de letramento literário de gerações de leitores alcançadas pela coleção. Em segundo lugar, a poesia de *Circo de Palavras* nos interessa porque, paradoxalmente, o livro traz a poesia de autor que não é conhecido por ela: em se tratando de Millôr Fernandes,

---

<sup>1</sup> Alguns volumes da coleção *Para gostar de ler* trouxeram textos da literatura universal, nomes como Isaac Asimov, Edgar Allan Poe, Kafka, Bashô, Ondjaki, Cervantes, Conan Doyle, Shakespeare, entre outros, mas a maioria dos volumes e do conteúdo era de Literatura Brasileira.

a poesia é o gênero menos estudado pela crítica acadêmica que se dedica à sua obra. A maior parte dos estudos está relacionada às suas crônicas, charges, fábulas, trabalho n’*O Pasquim* e na revista *Pif-Paf*. Além disso, seu texto poético é o menos citado em matérias jornalísticas.

Nos últimos tempos, a obra poética de Millôr Fernandes parece ganhar visibilidade conforme indicam alguns acontecimentos editoriais. Essa maior visibilidade parece ter começado por ocasião da publicação do livro *Essa cara não me é estranha* (2014), livro de poesia reorganizado e publicado para a homenagem ao artista durante a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). Esse mesmo livro foi incluído recentemente no quadro geral de obras que podem ser adquiridas diretamente para o Kindle, um dos *e-readers* mais famosos do mundo, para o qual o livro tem custo em torno de 20% menor em relação ao impresso. Além de visibilidade, sua poesia ganha possibilidade de ser distribuída com menor custo para o leitor, o que favorece a divulgação, aquisição e leitura do texto poético. Também foram disponibilizados em formato *e-book* os livros de poesia *Hai-kais* e *Poemas*, obras que Millôr Fernandes publicou pela primeira vez em 1968 e surgem agora em formato remoto, com preço 50% menor em relação ao livro impresso. Desses acontecimentos, é possível afirmar que a poesia do autor não só está sendo reeditada, mas está também ganhando novas formas de acesso, mais condizentes com o tipo de leitor que ele pode conquistar no século XXI, leitores que não gostam de acumular livros impressos, não podem ou não querem carregar livros físicos e, ainda assim, podem ler poesia quando estão em movimento, distantes de casa ou de uma biblioteca.

Em artigo recente, de nossa autoria, foi analisada a

publicação poética de Millôr Fernandes desde seu primeiro livro, *Papáverum Millôr* (1974), até o último, *Essa cara não me é estranha* (2014). O trabalho elaborou certo resgate da obra poética do escritor, considerando que seus poemas, além de não serem conhecidos do grande público, são pouco estudados na academia e pouco discutidos na imprensa quando se fala em Millôr Fernandes (Vieira, 2023).

Quando se investiga a obra de Millôr Fernandes, é preciso voltar os olhos para o início de sua carreira de escritor. Embora o que o tenha deixado famoso para o público da segunda metade do século XX e do século XXI sejam suas frases, charges, crônicas e fábulas publicadas em revistas e jornais de grande circulação nacional – como *Folha de S. Paulo*, *Veja*<sup>2</sup> e *Jornal do Brasil* –, parte das técnicas criativas do autor nasceu na sua seção “O Pif-Paf” da revista *O Cruzeiro*, na primeira metade do século passado. O espaço que dividiu com Péricles na revista, a partir dos anos 1940, consistia em uma amálgama de gêneros com piadas, frases, máximas, narrativas, tudo escrito por ele e com “Bonecos de Péricles”, conforme anunciava o cabeçalho da seção<sup>3</sup>.

Naquela época, Millôr Fernandes, assinando Vão Gôgo, insistiu na experimentação de gêneros literários e textuais e construiu uma obra que extrapolou os limites da forma e do conteúdo – uma recusa insistente a enquadramentos formais e temáticos e até ideológicos. O conhecimento que o leitor contemporâneo possui de Millôr Fernandes e sua versatilidade, provavelmente, vem do contato com os textos da revista *Veja* e outros veículos, mas foi nas revistas *O Cruzeiro* e *A Cigarra*

---

<sup>2</sup> Na revista *Veja* Millôr Fernandes produziu a famosa seção “Supermercado”.

<sup>3</sup> De 1945-1955, “O Pif-Paf” era assinado por Péricles e Vão Gôgo; de 1955 a 1962, esteve assinado por Emmanuel Vão Gôgo; a partir de 1963, Millôr Fernandes assume a autoria do semanário.

que experimentou e fundou-se como artista. Naquelas revistas, o “escritor sem estilo” criou seu estilo inconfundível.

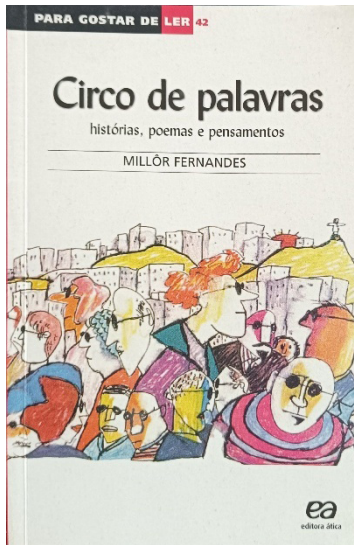
Apresentar Millôr Fernandes, através de uma antologia, para o público jovem ou maduro, não é uma tarefa simples. Em razão dos mais de setenta anos de produção artística e literária, pela imensidão de textos que produziu e publicou, é enorme tarefa editorial a de selecionar um compilado representativo. Por esta razão, qualquer antologia de sua obra será um recorte com ares de imprecisão<sup>4</sup>. Além disso, ainda existe outro componente neste contexto da dificuldade de se pensar o que antologizar: a diversidade de Millôr Fernandes, porque a mistura de linguagens não é um detalhe de sua produção literária, mas sim uma marca forte de sua poética. Em *Circo de palavras*, o próprio nome aponta para a mistura de linguagens, considerando que “circo” é aquele lugar onde se apresentam atrações variadas. No caso, as atrações são as palavras em suas variadas formas: histórias, poemas e pensamentos.

Até onde se pode investigar – porque muitas das edições de volumes da coleção *Para gostar de ler* estão esgotadas e as novas foram reformuladas –, o livro de Millôr Fernandes, se não for o único, é dos pouquíssimos volumes que trazem ilustrações do próprio autor antologizado, inclusive na capa, como se pode perceber pelo traço inconfundível do artista gráfico. Uma marca de tudo que ronda a obra de Millôr Fernandes é que ele esteve envolvido com todo tipo de produção e com diversas fases das publicações.

---

4 Para se ter uma ideia do volume de textos deixados por Millôr Fernandes, após sua morte em 2012, O Instituto Moreira Salles recebeu parte do acervo gráfico do artista logo após sua morte, em 2013, e segue dez anos depois organizando e planejando a publicação dos textos. Recentemente, o IMS-Rio disponibilizou em seu site 4.000 desenhos originais do autor, com marcas autorais e muitos detalhes de bastidores. E este volume de textos refere-se somente ao acervo gráfico.

**Figura 1**



**Fonte:** Capa da publicação de 2007.

No caso da coleção *Para gostar de ler*, a poesia de Millôr Fernandes não foi antologizada por falta de matéria-prima, por assim dizer. Embora tenha ficado mais conhecido por outros gêneros, Millôr produziu poesia por mais de 40 anos. Começou nas páginas da revista *O Cruzeiro*, quando tinha apenas 22 anos – e, pelas datas, nossas pesquisas indicam que ele escreveu e publicou poemas até 1986. Havia, portanto, material suficiente para publicar uma antologia de poesia de sua autoria endereçada à juventude; a opção editorial da coleção, no entanto, foi a de editar um livro em que a poesia estivesse entre as suas narrativas. A capa autoral, as ilustrações internas e a mistura de gêneros textuais/literários, tudo isso transforma esse volume em algo diferente de tudo o que a coleção *Para gostar de ler* publicou.

### 3 Um prefácio interessantíssimo

No prefácio de *Circo de palavras*, o editor apresenta ao leitor as características da escrita millordiana que serão encontradas na antologia. Esclarece que o autor antologizado poderia ser considerado anacrônico e afirma:

Um mundo veloz, cheio de novidades. Você certamente se reconhece nele. As imagens e a internet trazem tanta informação... Pode até parecer que Millôr Fernandes está muito distante desse mundo, com seus livros, muitos deles criadores em máquina de escrever (...) apesar da máquina com que Millôr escreveu seus textos já estar totalmente ultrapassada, eles continuam muito atuais. (Lima, apud Fernandes, 2007, p. 7).

O editor ataca logo no início algo que os jovens, geralmente, utilizam como escudos contra os textos literários: a antiguidade. Ele defende a atualidade dos textos produzidos na máquina de escrever, mas poderia ter também aludido ao fato de Millôr Fernandes ter sido um dos primeiros artistas gráficos no Brasil a usar o computador em sua produção, e manteve também durante muito tempo uma página na internet com seus textos, inclusive as famosas *Fábulas Fabulosas*. Foi artista que viveu quase nove décadas, trabalhou por mais de sete delas e buscou acompanhar os processos criativos de cada tempo à medida que o mundo ia mudando. Não se tornou obsoleto em nenhum sentido.

Outra afirmação do prefácio a ser ressaltada é: “o riso é a forma que ele escolheu para retratar com mais leveza realidades às vezes muito complexas ou difíceis” (Lima, apud Fernandes, 2007, p. 9); aqui, o editor revela que Millôr Fernandes está muito próximo dos modernistas, que pregavam a liberdade da linguagem. Conforme Mário de Andrade, em seu “Prefácio

Interessantíssimo”, achava que era difícil saber “onde termina a blague, onde principia a seriedade” (1987, p. 60), em Millôr Fernandes *certo desvairismo* está presente, porque ele fala a sério quando está brincando, brinca quando parece sisudo. Esta postura de Millôr diante da arte pode seduzir para a leitura esta juventude pretendida, afinal são atraídos por personalidades polêmicas, exatamente como a do autor.

#### **4 A poesia na antologia *Circo de palavras***

O livro *Circo de palavras: histórias, poemas e pensamentos* está organizado em quatro seções: “Velhas e novas fábulas”, aquelas publicadas e republicadas em livros pela editora Desiderata; “Trapézio de letras”; “Tempos e modos”; e “Palavras por palavras”. Este artigo se debruçará sobre algumas poesias das três últimas partes, pois em todas elas têm-se a presença de poesia em meio à prosa, num total de 23 poemas.

##### **4.1 O “Trapézio de letras” do Millôr**

Na apresentação desta seção do livro, o editor afirma que “Literatura se faz com palavras raras e solenes? Poesia é texto difícil? Não para Millôr. Ele faz piada da linguagem do cotidiano, com diferentes sentidos das palavras” (Lima, apud Fernandes, 2007, p. 35), e antecipa que os poemas do livro são sobre a vida comum dos indivíduos mais comuns vivendo suas vidas. Esta é a parte do livro em que o texto poético foi privilegiado (dos 17 textos apresentados, 14 são poemas), e traz ainda o nome sugestivo “Trapézio de letras”. A palavra *trapézio* retoma o

aparelho usado para acrobacias aéreas composto de duas cordas e uma barra de ferro, aquele muito esperado em espetáculos circenses pelo perigo e pela emoção que causa no espectador. O nome do capítulo pode estar sugerindo que emoção parecida será apresentada pelos textos que o compõem, letras e palavras que fazem movimentos, espécie de dança de sentidos.

#### 4.1.1 Poesia cinética I e II

Foi nessa seção “Trapézio de letras” que a antologia trouxe dois poemas famosos de Millôr Fernandes, publicados originalmente na revista *O Cruzeiro*, na seção “O Pif-Paf”, e que aparecem vez ou outra nos livros didáticos em que mencionam a poesia concreta<sup>5</sup>:

A  
pertados no balanço  
Margarida e Serafim  
Se beijam com tanto ardor  
Que acabam ficando wijsse.

O moço entra apressado  
Para ver a namorada  
E é da seguinte forma

escada,  
a  
sobe  
ele

Que  
Mas lá em cima está o pai  
Da pequena que ele adora  
E por isso pela escada  
wijsst

ele  
vem  
embora.

<sup>5</sup> A poesia que Millôr Fernandes chamou cinética dialoga com os movimentos da poesia concreta, aquela em que os versos íntegros são abandonados em favor de uma linguagem poética atribuído sentido também pelo significante (a forma do verso, o desenho de palavras etc).



paralela à dela  
até que se encontraram  
no infinito.  
(...)  
(Fernandes, 2007, p. 42-44).

Este poema, que brinca com os conceitos da Matemática, foi publicado pela primeira vez em “O Pif-Paf”, da revista *O Cruzeiro*; posteriormente integrou o livro do pseudônimo Emmanuel Vão Gôgo, publicado em 1949, *Tempo e contratempo*. Recentemente, após a morte do autor, a editora Nova Fronteira publicou o poema em forma de livro, *Poesia matemática*, com ilustrações de Ivan Zigg. Logo em seguida, em 2015, a mesma editora lançou *Poesia geométrica*, com ilustrações de Daniel Bueno, também um livro com um poema de Millôr Fernandes que guarda relações com a Matemática em área específica, a geometria. Nesse último livro, seu amigo Fortuna diz que Millôr demonstrou que “toda definição é um erro à espera do humor” (Fortuna, apud Fernandes, 2015, p. 7).

*Circo de palavras* amplia o conhecimento sobre o gênero poesia e especificamente sobre um autor, objetivo que as antologias devem perseguir. Ao trazer a poesia que brinca com aspectos das Ciências, a antologia atinge outro aspecto com potencial interdisciplinar. Esses textos favorecem o atendimento a um dilema da escola básica, que ainda é muito tradicional, e, por razões diversas, em pouco ou nada consegue ser interdisciplinar. As disciplinas seguem engessadas, cada uma com seus problemas metodológicos e lidando com os seus próprios desafios didáticos. Ainda há grandes dificuldades a serem enfrentadas no sentido de tratar as disciplinas de forma que os estudantes percebam que, no mundo real, elas estão conectadas. Ao privilegiar os poemas do autor que apontam para este jogo de linguagem, a antologia

*Circo de palavras* abre possibilidades para um trabalho reflexivo sobre as disciplinas e seus conceitos: por que um poema se chama “Poesia cinética”? O que seria dar esta energia do mundo da natureza para a poesia? São perguntas possíveis para uma aula com a antologia e que podem se desdobrar em atividades em que o texto poético se encontre com a Física e com a Matemática. Nesse sentido, os poemas podem não só auxiliar nos estudos sobre a linguagem, mas também na compreensão e discussão de como a natureza é interpretada pelo poeta.

#### 4.1.2 Teatro Corisco, um palco antigo

Na antologia *Circo de palavras*, o “Teatro do Corisco”<sup>6</sup> aparece como uma pequena seção, mas as nossas pesquisas revelam que ela foi mantida por mais de duzentas vezes, por mais de quatro anos e meio, na revista *O Cruzeiro*, na seção “O Pif-Paf” que Millôr Fernandes conduziu, primeiramente com desenhos de Péricles, posteriormente com suas próprias ilustrações. Era um quadro que se pretendia ser um diálogo, às vezes uma espécie de miniteatro, uma piada, um poema, algo como uma mistura de gênero de difícil classificação, que seguia a direção do desejo do autor ou de outros aspectos editoriais que estão por serem iluminados.

Os leitores das páginas de Millôr Fernandes na revista *O Cruzeiro* puderam acompanhar durante muito tempo este pequeno quadro em que ele apresentava pequenos diálogos, piadas curtas e conversas insólitas, todas voltadas ao humor ou insensatez do mundo e da linguagem. Para se ter uma ideia da

---

<sup>6</sup> Para conferir uma inserção do “Teatro Corisco”, acessar o link: <<http://memoria.bn.gov.br/DocReader/003581/69114>> Acesso 16 de nov. de 2025.

importância desse quadro, criado na década de 1940, Millôr o levou para a revista *Pif-Paf*, que fundou depois de sua saída da revista *O Cruzeiro* em 1964, em parceria com Fortuna, Jaguar, Ziraldo e outros. Na antologia *Circo de palavras*, o “Teatro do Corisco” apresenta um poema, chamado “O capitalismo mais reacionário”, pequena história, por isso chamada de “Ato único”, em que se dá um diálogo entre um empregado e o patrão, como se fosse uma peça teatral:

### **O capitalismo mais reacionário**

Tragédia em um ato

Personagens – patrão e o empregado

**Época atual**

ATO ÚNICO

*Empregado* – Patrão, eu queria lhe falar seriamente. Há quarenta anos que trabalho na empresa e até hoje só cometi um erro.

*Patrão* – Está bem, meu filho, está bem. Mas de agora em diante tome mais cuidado.

(Pano bem rápido)

(Fernandes, 2007, p. 51).

O texto escolhido é uma típica brincadeira de Millôr Fernandes sobre revolucionários e reacionários, pois inverte as possibilidades e sugere que o capitalismo anda para trás (é reacionário) quando não faz o que se propõe: explorar os trabalhadores até o limite das possibilidades. O pequeno poema “O Capitalismo mais reacionário” abre portas para diversas discussões pedagógicas sobre os limites entre os gêneros literários e textuais, porque ele possui marcas de diversos deles, como, por exemplo, as rubricas e o diálogo do gênero dramático, mas a ironia de Millôr Fernandes constrói um pequeno conto em que o narrador interfere na recepção do texto ao afirmar “Pano rápido”, fazendo referência ao fechamento das cortinas no fim dos atos das encenações.

Pede que seja rápido, porque está brincando com o tempo do humor; se se perde o tempo, a piada perde a graça.

#### 4.2 O espetáculo da vida: “Tempos e modos”

Nesta seção da antologia *Circo de palavras* “Tempos e modos” são apresentados 12 textos de Millôr Fernandes, sendo 7 poemas e 5 textos em prosa. Dentre os poéticos, foi selecionado “Mandrake”, que segue abaixo:

Você procura um objeto  
Horas inteiras. Revira a casa toda.  
Afinal, quando a esposa sabe o que  
Você procura  
Aponta  
Muito segura:  
“Mas, está aí mesmo  
Embaixo do seu nariz”  
Você olha  
E é como ela diz.  
Mas é bom examinar com cautela:  
O objeto já estava lá  
Ou apareceu ao gesto dela?  
(Fernandes, 2007, p.65)

O poema destacado foi publicado originalmente na revista *O Cruzeiro*, na seção “O Pif-Paf”, em 9 de agosto de 1958, e trata da intriga entre homens e mulheres sobre objetos perdidos por eles. Vale lembrar que um tema recorrente da obra de Millôr Fernandes é o relacionamento amoroso da classe média, o que se diz sobre os homens e o que se diz sobre as mulheres, também como acontecem as interações entre eles no casamento. Na apresentação dessa seção do livro, o editor adianta que os textos vão tratar da sociedade e o modo como o

autor enxerga o mundo e afirma: “A sociedade é matéria infinita para a curiosidade do escritor, que analisa com bom humor, (...) a variedade do caráter humano” (Lima, apud Fernandes, 2007, p. 61). O poema e as palavras do editor confirmam que o autor foi interessado nos relacionamentos amorosos entre homens e mulheres, o comportamento deles diante do outro e as interações geradas desses relacionamentos. Como os textos que tratam deste assunto são construídos, em sua grande maioria, a partir do ponto de vista masculino, abre caminho interessante para a discussão em sala de aula sobre ponto de vista e a validação do discurso feminino no texto literário millordiano.

### 4.3 Palavras sobre palavras

Nesta seção “Palavras por palavras”, estão textos de Millôr Fernandes que fogem à classificação de gênero textual; a maioria deles possui traços de metalinguagem e do modo como a língua funciona como, por exemplo, o “Dicionário EtimoLÓGICO”, em que as letras maiúsculas do título são parte do questionamento sobre a lógica do sentido das palavras. Dentre esses textos, está o poema “Biografia do constante leitor”, em que o eu lírico conta como se tornou leitor de jornal e como seu interesse foi se transformando ao longo da vida:

Foi uma consequência natural  
De aprender a ler  
Seu amor ao jornal.

Ou melhor, mesmo antes,  
Deitado no chão,  
As pernas para o ar,  
Via as histórias em quadrinhos  
Tentando decifrar

A intenção dos mocinhos.

Daí cresceu,  
Fez-se mais forte  
E seu interesse derivou  
Para o esporte.  
Descobriu a mulher  
E, interessado no tema,  
Demorava mais tempo  
Na página de cinema.

Há um momento na vida  
Bem intelectual;  
Quando ele passou a ler  
Ensaaios literários do jornal.

(...)  
Assim por toda a vida,  
Nunca abandonou o jornal,  
Com um só interesse  
Ou com interesses vários  
Até atingir este, final:  
“Obituários”  
(Fernandes, 2007, p. 106-107)

Neste poema, Millôr Fernandes trata da leitura e de como ela vai se transformando à medida que o ser humano amadurece e envelhece. Mesmo dentro de um mesmo veículo, como é o caso do eu lírico leitor de jornal, os temas de interesse vão mudando e se adequando àquilo que o indivíduo pensa e vive. Por nomear o poema com a palavra “biografia”, deixa no leitor a impressão de que vida e leitura estão conectadas, o que para a juventude, pode ser um tema de bastante relevância, porque auxilia na reflexão sobre que tipo de leitores são e quais são as perspectivas para o futuro da leitura e dos leitores, principalmente com o advento da internet e a mudança dos paradigmas da imprensa.

## 5 O Millôr da língua

Ao olhar para a antologia *Circo de Palavras* como um todo, pode-se dizer que a língua que Millôr Fernandes utilizou em seus textos coletados é aquela que definiu em *Millôr Definitivo: a bíblia do caos*: “O que os olhos não veem a língua inventa” (1994, p. 285), frase que demonstra sua aposta no poder de criação da língua. Embora trabalhasse com diversas linguagens ao mesmo tempo, vivia em um espaço linguístico e pensava sobre o seu idioma todos os dias de forma irreverente, como demonstra a frase “Que língua a nossa! A palavra oxítone é proparoxítone” (1994, p. 285). Estava sempre dando demonstrações de que refletia sobre a língua em diversos níveis: pensava no som, na imagem, no sentido, na lógica e construía uma lógica própria, que em geral tira o leitor de um conforto – atitude necessária para a compreensão e aproximação da língua. Suas técnicas, suas brincadeiras, piadas e todo o conhecimento de mundo espalhado por sua obra estão representados pela coleta de textos feitas em *Circo de Palavras*.

No livro *Circo de palavras*, a língua portuguesa é também instrumento de crítica social quando em seu poema “Aos que não têm vez”, em que o eu lírico diz:

Até mesmo na ciência  
o pobre sente ironia  
Pois toda alta de preços  
Se estuda em economia.  
(Fernandes, 2007, p. 46)

O poema parece uma alfinetada ao discurso econômico tão inacessível e hermético, que não dá possibilidade de entendimento aos que mais são afetados, os pobres. A língua

de Millôr Fernandes no livro em questão é ainda instrumento de expressão de sentimentos profundos como a solidão, quando no “Poesia exploratória” pergunta:

Quem alisa meus cabelos?  
Quem me tira o paletó?  
Quem, à noite, antes do sono,  
acarinha meu corpo cansado?  
Quem cuida da minha roupa?  
Quem me vê sempre nos sonhos?  
Quem pensa que sou o rei desta pobre criação?  
Quem nunca se aborrece de ouvir minha voz?  
Quem paga meu cinema, seja de dia ou de  
noite?  
Quem calça meus sapatos e acha meus pés tão  
lindos?  
Eu mesmo.

(Fernandes, 2007, p. 46).

Em sua poesia chamada concreta, como visto em “Poesia cinética”, está uma língua inconformada com os limites, que busca desafiar obstáculos e atingir o objetivo de propor uma leitura integral da palavra, som, imagem, movimento. Tudo isso na década de 40 do século passado, muito antes do movimento concretista ganhar força no Brasil. Estas atitudes vanguardistas, espalhadas pela antologia, podem ser tomadas como recursos pedagógicos inesgotáveis.

## 6 Últimas palavras

A coleção *Para gostar de ler*, durante quase quarenta anos de existência, fez circular a literatura brasileira em sua diversidade. Desde o volume 1, aquele de Carlos Drummond, Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, até o volume 47, que

trouxe textos de Marcelino Freire, Reginaldo Prandi e Ricardo Ramos, é perceptível a inovação e a tentativa de abrangência da coleção. Ela dedicou os cinco primeiros números da coleção aos mesmos escritores e depois seguiu buscando abraçar o que havia de mais interessante e inovador, mesmo que tenha privilegiado o texto em prosa, conforme este trabalho demonstra.

Quando a coleção contemplou a poesia, o fez com o mesmo propósito, o de criar um percurso poético pelo qual os estudantes jovens pudessem conhecer a poesia brasileira e nomes como José Paulo Paes, Henriqueta Lisboa, Mário Quintana, Vinícius de Moraes, Patativa do Assaré. Quando chegou a vez de Millôr Fernandes, a poesia salta aos olhos, numa coletânea que acompanhou, de certa forma, o modo como sua obra circulou. Permanecem os números insatisfatórios relativos à publicação de poesia: foram somente 8 volumes para os 39 de prosa, mas embora a poesia tenha sido minoria, uma abordagem otimista da antologia de Millôr Fernandes possibilita imaginar que o livro serve como estímulo para que a leitura e estudos de textos poéticos sejam praticados e possam incentivar um mergulho na poesia brasileira como um todo.

Do modo como está organizada, a antologia favorece os estudos a partir da matéria poética, porque ele está privilegiado e em lugar de destaque: à medida que o leitor vai folheando o livro, já se depara com o texto poético, um encontro inevitável entre juventude e poesia. Além disso, Millôr Fernandes brinca com tudo, retira o caráter sisudo até da Física e da Matemática. A antologia favorece a percepção, por parte do leitor, que, para o escritor, a língua é instrumento de criação, pois manteve seus olhos e ouvidos abertos para tudo o que era possível pensar sobre a língua materna, e fez apologia da palavra e uso da liberdade

total para criar, inventar e refletir. Não respeitou as regras, usou-as para pensar mais, esticar os sentidos.

Apesar de a poesia ser minoritária na coleção *Para gostar de ler*, na antologia *Circo de palavras* ela possui uma presença marcante. Seus pequenos versos, pequenos e grandes poemas (“Poesia matemática” possui 69 versos), a vida, a sociedade, as coisas importantes e as comezinhos estão por toda parte e podem dar ao jovem leitor do século XXI a ideia do que é a obra de Millôr Fernandes e do que a poesia representou em seu trabalho. O livro veicula a ideia de que a poesia, na obra dele, faz parte da mistura de tudo o que fez e propôs. A poesia em suas produções foi mais do que uma linguagem, foi uma ferramenta.

## Referências

ANDRADE, Mário. *Poesias completas*. edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. - Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade São Paulo. 1987. p.59-60.

Batista, T. F. V. (2023). Pensando em poesia: uma análise das visões de poesia da antologia Poesia faz pensar. *Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaio*, (42), 95-113. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3231.2023n42p95-113>

FENDRICH, Henrique. A história da Coleção Para Gostar de Ler. 2020. Disponível em: <https://www.portalentretextos.com.br/post/a-historia-da-colecao-para-gostar-de-ler> Acesso em: 10 de fev. de 2025.

FERNANDES, Millôr. *Hai-kais*. São Paulo: Senzala, 1968.

FERNANDES, Millôr. *Papáverum Millôr*. 2ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1974.

FERNANDES, Millôr. *Poemas*. Porto Alegre: L&PM Editores,

1984.

FERNANDES, Millôr. *Millôr definitivo: a bíblia do caos*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1994.

FERNANDES, Millôr. *Circo de palavras: histórias, poemas e pensamentos*. São Paulo: Ática, 2007. (Col. Para Gostar de Ler).

FERNANDES, Millôr. *Essa cara não me é estranha e outros poemas*. São Paulo: Boa Companhia, 2014.

FERNANDES, Millôr. *Poesia matemática*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

FERNANDES, Millôr. *Poesia geométrica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

GUIDOTTI, Clarissa G. “Antologias. Teoria, crítica e história da literatura.” Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/escrita-e-critica-literaria-no-brasil/assets/edicoes/2018/arquivos/9.pdf> Acesso em 10 de fev. de 2025.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2007.

Vieira, A. M. (2023). Poesia, dispersão e antologia em Millôr Fernandes. *Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaios*, (42), 198-220, disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2358-3231.2023n42p198-220> Acesso em 24.09.2025.

#### **Fonte primária**

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica “O Cruzeiro”. 1959-1963. Disponível em O Cruzeiro : Revista (RJ) - 1928 a 1985 - DocReader Web Acesso em 10 de fev. de 2025.